

Criar é criar a si mesmo: uma cartografia provisória aos primeiros dez anos da trajetória artística de Rubiane Maia

To create is to create oneself: a provisional cartography to the first ten years of Rubiane Maia's artistic trajectory

Lindomberto Ferreira Alves²

Resumo

O presente artigo apresenta uma cartografia provisória ao percurso artístico trilhado pela artista multimídia contemporânea Rubiane Maia (Caratinga/MG, 1979), entre os anos de 2006 e 2016. Recorte temporal que demarca os primeiros dez anos de carreira desta que é um dos nomes relevantes da geração de performers, brasileiros e estrangeiros, à qual pertence, bem como um dos nomes centrais da produção contemporânea em Artes Visuais no Estado do Espírito Santo surgidos no começo do século XXI e, até o momento, um dos que conseguiu maior inserção no cenário artístico nacional e internacional. Tendo em vista a escassez de publicações da área que ascendam o interesse na pesquisa teórica e no exercício crítico sobre a produção artística de Rubiane Maia, busca-se com este artigo corroborar no processo de apresentação e de descoberta de sua obra. Visa-se, portanto, colocar em circulação o conjunto da obra de Rubiane produzido

2 Artista-educador, pesquisador, crítico e curador independente. Mestre em Artes pelo PPGA-UFES [2020]. Licenciado em Artes Visuais pelo Centro Universitário Araras Dr. Edmundo Ulson - UNAR/SP [2020] e Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela FAUFBA [2013]. É membro do grupo de pesquisa "Curadoria e Arte Contemporânea", coordenado pela Prof.a Dr.a Ananda Carvalho (DAV-UFES), e integra a equipe editorial da "Plataforma de Curadoria" (DAV-UFES). Possui textos publicados em eventos, catálogos e revistas especializadas nos campos da história, teoria e crítica de arte. Desde 2018 integra o duo "FURTACOR", cujas ações tensionam a arte em suas instâncias educativas e, consequentemente, a educação como práxis artística e transformadora. Autor do livro "Rubiane Maia: corpo em estado de performance" [2021]. Dedicar-se à investigação das relações entre modos de subjetivação e processos de criação na arte contemporânea. Além de, atualmente, debruçar-se sobre a dimensão prático-discursiva de perspectivas contemporâneas contra-hegemônicas de escritas críticas da arte. Email: lindombertofa@gmail.com

nos agenciamentos migratórios tensionados a partir dos percursos artísticos empreendidos nos primeiros dez anos de sua carreira, não somente dando visibilidade a sua produção, mas, também, introduzindo a importância e a potência desses trabalhos – contribuindo tanto para a difusão da arte produzida por esta artista, aqui e no mundo, em especial no campo da performance e do vídeo, quanto para a inserção do seu projeto poético no radar da crítica de arte contemporânea.

Palavras-chave: Rubiane Maia; Trajetória artística; Arte contemporânea; Arte e vida

Abstract

This article presents a provisional cartography of the artistic path taken by contemporary multimedia artist Rubiane Maia (Caratinga/MG, 1979), between the years 2006 and 2016. It is a time cut that marks the first ten years of her career, which is one of the relevant names of the generation of performers, Brazilian and foreign, to which she belongs, as well as one of the central names of contemporary production in Visual Arts in the State of Espírito Santo that emerged at the beginning of the XXI century and, so far, one of those that has achieved greater insertion in the national and international artistic scene. Considering the scarcity of publications in the area that increase the interest in theoretical research and critical exercise on Rubiane Maia's artistic production, this article aims to corroborate the process of presentation and discovery of her work. The aim is, therefore, to put into circulation the whole of Rubiane's work produced in the migratory agencies tensioned from the artistic paths undertaken in the first ten years of her career, not only giving visibility to her production, but also introducing the importance and power of these works - contributing both to the dissemination of the art produced by this artist, here and in the world, especially in the field of performance and video, and to the insertion of her poetic project in the radar of contemporary art criticism.

Keywords: Rubiane Maia; Artistic trajectory; Contemporary art; Art and life



Introdução

Inspirados na assertiva de que “criar é criar a si mesmo” (BOURRIAUD, 2011, p. 14) – no sentido foucaultiano da expressão, vinculado à noção de cuidado de si (FOUCAULT, 1985) – um contingente significativo de artistas, de diferentes contextos nacionais, vem vislumbrando, e muito seriamente, na conjugação de um pensamento crítico acerca de nós mesmos e do modo como estamos conduzindo as nossas vidas, um dos princípios motores à formulação de um saber-fazer artístico no qual as fronteiras entre arte, vida e obra têm sido constantemente e intencionalmente redimensionadas, tensionadas e esmaecidas. O que equivaleria a dizer que os artistas de nossa época não apenas têm operado a “busca de seu léxico formal em domínios alheios ao mundo da arte” (BOURRIAUD, 2011, p. 169), bem como parecem ter recuperado a posição outrora ocupada pelos filósofos pré-socráticos, ao explorar em suas obras uma relação com o mundo que “altera o curso de sua vida, transforma-a, corrige-a, sugere-a como modelo a ser investido” (Ibidem, p. 17). Em outras palavras, vê-se, hoje, no campo de efetuações das poéticas artísticas, uma outra configuração estética e política do saber-fazer artístico, orientada pelo “jogo de intercâmbios e deslocamentos entre o mundo da arte e da não-arte” (RANCIÈRE, 2005, p. 53), cuja matriz de pensamento e ação não seria mais colonizada pela ideia de um radicalismo em arte (herança das vanguardas artísticas), mas, sim, impulsionada pelo compromisso radical com a realidade do presente, ao se fazer “da própria existência um *texto* no qual se investe um modo de vida, um trabalho de produção de si através dos signos e objetos” (BOURRIAUD, 2011, p. 191).

Nesses termos, uma das questões em disputa no tabuleiro da arte na condição histórica do presente – travadas no corpo-a-corpo cotidiano desses artistas com os dispositivos que regem as relações sistêmicas das artes – diria respeito justamente ao procedimento no qual a arte desvia de suas leis internas, e a atenção estética se volta à extração do poético da vida. Ou seja, substitui-se a arte por uma arte da existência (VALÉRY, 1957; ROGER, 2001; GALARD, 2003), “sem sistema de valores essencialmente artísticos, sem



desígnio estético específico e autônomo” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 14) – cuja possibilidade de realização estaria ligada às intenções poéticas de formalização da dimensão estética do próprio ato vivencial (FOUCAULT, 1984; 1985), isto é, da instauração da própria vida como obra de arte (NIETZSCHE, 1992; 2001). De acordo com esse padrão de intenções, se por um lado chama a atenção, nas práticas artísticas intuitivas no cerne dessa problematização – principalmente aquelas relacionadas às linguagens ligadas ao corpo, de modo especial, ao campo da performance – a afirmação de novas e potentes iconografias para além do imaginário de poder hegemônico da arte (VIEIRA JÚNIOR, 2019); por outro lado, chama atenção, ainda mais, as sutilezas pelas quais essa afirmação é agenciada em determinadas trajetórias artísticas, à medida que colocam em jogo o tensionamento de “modos de vida mais densos, combinações de existências múltiplas e fecundas” (BOURRIAUD, 2009, p. 63). O que se torna ainda mais evidente se essas trajetórias convocam o público (o outro) ao compartilhamento do que Leila Domingues (2017) chama de ethopoética³; isto é, do compartilhamento da criação de si em suas dimensões estéticas, éticas e políticas – conduzindo a um tipo de simbolização e cognição não alienada entre arte, vida e obra, certamente muito mais diversa e complexa em relação ao atual *status quo* em que a lógica espetacular da arte se confunde com a realidade.

Há no Brasil, e mais especificamente no Estado do Espírito Santo – entre várias trajetórias artísticas que realizaram e/ou realizam trabalhos vigorosos sob este prisma – um caso exemplar, o da artista multimídia contemporânea Rubiane Maia (Caratinga/MG, 1979). Ao longo dos seus

3 Para Leila Domingues (2017, p. 183), “o termo ethopoética se faz da conexão entre os termos êthos, palavra de origem grega cujo significado seria ética, modos de vida, processo de constituição de si ou governo de si como sujeito moral e político; e poética, que significa criação. Ethopoética, portanto, diz da criação, a constituição, a invenção de si como sujeito, em suas dimensões estéticas, éticas e políticas”.

recém-completos quatorze anos de carreira⁴, Rubiane Maia não hesitou pôr-se em jogo⁵ na constituição de sua trajetória artística, sempre fazendo uso de seu corpo e de suas próprias narrativas pessoais de vida como principal objeto e meio de sua arte. Trata-se, é verdade, de uma asserção um tanto intrépida, mas, pensamos, não de todo descabida. Isso porque, como veremos no decorrer deste texto, estamos diante de uma artista que contínua e intencionalmente coloca vida e obra no mesmo plano de contágio – nisto que Sandra Mara Corazza (2010) chama de *vidarbo*⁶ – no qual “a vida, ao invés de justificar a obra, é sobreposta a esta mesma obra que se atravessa na própria vida” (COSTA, 2011, p. 132). Radicada no Espírito Santo desde os quatro anos de idade, e vivendo e trabalhando atualmente entre Vitória (Espírito Santo, Brasil) e Folkestone (Reino Unido), Rubiane tem percorrido o mundo com seus trabalhos nas áreas da performance, vídeo, fotografia e cinema, explorando e apresentando a diferentes públicos as possibilidades de expansão das potências do corpo, alinhada à invenção de si (FOUCAULT, 2004), por meio das mais diversas ações performativas.

4 Nesse período, Rubiane Maia apresentou seus trabalhos (presencialmente ou sob a forma de vídeos e performances em *live stream*), mais de uma vez, em eventos de treze países (além do Brasil), a saber: Inglaterra, México, Bolívia, Portugal, Argentina, Espanha, França, Lituânia, Chile, Irlanda, Itália, Estados Unidos e Trinidad e Tobago. Realizou 18 residências artísticas, sendo nove no Brasil e outras nove em cidades de um dos países acima mencionados. Integrou 21 exposições coletivas – sendo 17 realizadas no Brasil, das quais se destacam “Modos de Usar” (Vitória/ES, 2015), “Terra Comunal – Marina Abramović + MAI” (São Paulo/SP, 2015), “Das virgens em Cardumes e da Cor das Auras” (Rio de Janeiro/RJ, 2016) e “Negros Índios” (São Paulo/SP, 2017); e quatro realizadas fora do país, cujos destaques são “9th Kaunas Biennial UNITEXT” (Lituânia, 2013), “PASSE/IMPASSE” (Espanha, 2016) e “Jerwood Staging Series Sensational Bodies” (Londres, 2018). Ademais, publicou no Brasil o livro “*Autorretrato em Notas de Rodapé*” (Vitória/ES, 2014), fez a exposição individual “À Primeira Vista: uma maçã e duas cadeiras” (São Paulo/SP, Brasil, 2015), e produziu os curtas-metragens “EVO” (2015) e “ÁDITO” (2017) – exibidos, até o momento, em dez (10) festivais de cinema nacionais e internacionais. Tal retrospecto lhe rendeu, no ano de 2017, a indicação em uma das mais importantes e relevantes premiações no âmbito da produção nacional de Arte Contemporânea, o “Prêmio PIPA”. Mesmo a artista não tendo se sagrado vencedora do prêmio, sua indicação à 8ª Edição da premiação contribuiu, indiscutivelmente, para evidenciar a consistência de sua trajetória dentro do rol dos artistas brasileiros contemporâneos consolidados no cenário artístico nacional e internacional por seus trabalhos. Para mais informações, ver: <<https://www.rubianaemaia.com/>>.

5 De acordo com Giorgio Agamben (2007, p. 61), “ética não é a vida que simplesmente se submete à lei moral, mas que aceita, irrevogavelmente e sem reservas, pôr-se em jogo nos seus gestos, mesmo correndo o risco de que, dessa maneira, venham a ser decididas, de uma vez por todas, a sua felicidade e a sua infelicidade”.

6 Num texto fundamental de Sandra Mara Corazza, “Introdução ao método biografemático” (2010), a pesquisadora opera com o neologismo “*vidarbo*”. Com ele Corazza dirige-se àqueles que, alguma vez, tenham se interessado pelas escritas de Vida (Biografia) e de Obra (Bibliografia). Só que, em vez de Vida e Obra, tomadas em separado, ou uma como uma derivada e mesmo causa da outra, ela opera por meio de “Ato de Mutação” que põem Vida e Obra no mesmo plano, entendendo que o movimento de uma acabará por movimentar a outra, e vice-versa.

Percursos

Ainda que no início de sua carreira, os estágios iniciais dessa prolífica e multifacetada produção artística tenham dividido atenção com a atuação como professora de Artes⁷ em escolas da rede pública de ensino do município de Vitória/ES, Rubiane Maia não deixou de lado o interesse em investigar e experimentar processos e práticas que excedessem os domínios próprios da arte e/ou da estética, por interposição de um olhar sensível aos possíveis modos de ação e inferência sobre o vivido, via performance e/ou intervenção urbana. Ímpeto que levou Rubiane a, rapidamente, se firmar como uma importante articuladora desses campos – local, nacional e internacionalmente – tanto com a organização, em parceria com o artista Marcus Vinícius (1985-2012), do festival de performance “TRAMPOLIM_Plataforma de Encontro com a Arte Contemporânea”⁸ (Vitória, Fortaleza, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Bogotá, 2009-2010), quanto com a participação como colaboradora-articuladora, entre os anos de 2010 e 2011, da conexão Brasil da plataforma mundial “BOOM_Global Creative Action” – projeto internacional que conectou artistas de diferentes partes do mundo, transmitindo, simultaneamente, ações em performance ao vivo e em *live stream*. Licenciada em Artes Visuais (2004) pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), entre os anos de 2009 e 2011, Rubiane Maia integrou o núcleo de pesquisa “LIS/CNPq UFES: Laboratório de Imagens da Subjetividade”, vinculado ao Departamento de Psicologia da mesma universidade. Nele desenvolveu a dissertação de mestrado intitulada “Desvios, sobre arte e vida na contemporaneidade”⁹ (2011) – obtendo o título

7 Tão logo ingressou na universidade, a artista assumiu a cadeira de Artes em escolas vinculadas tanto à Secretaria Municipal de Educação de Vitória/ES quanto à Secretaria de Estado da Educação do Governo do Estado do Espírito Santo. Foram quase 15 anos de atuação no ensino de arte para jovens e adultos da periferia de Vitória/ES.

8 Ao longo de dez edições o festival reuniu cerca de 50 artistas brasileiros e estrangeiros, constituindo uma rede de interlocutores interessados em discutir e explorar usos e apropriações possíveis dos espaços públicos, através de ações em performance e/ou intervenção urbana. Para acessar os catálogos e/ou obter maiores informações sobre o evento, acessar: <<https://cargocollective.com/rubianemaia/other-projects>>.

9 Para consultar a dissertação, desenvolvida sob orientação da Prof.ª Dr.ª Leila Domingues, acessar: <http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/2902/1/tese_5274_Rubiane%20Maia.pdf>.

de Mestre em Psicologia Institucional – como, também coordenou o projeto de extensão universitária intitulado “Eleve Coletivo”¹⁰. Nesse ínterim, a artista escreveu diversos ensaios, poesias e textos livres (publicados à época em diferentes mídias), guiados pela tendência latente em problematizar, entender e explorar a arte enquanto poética de autotransformação e invenção de novos mundos neste mundo – material esse que, reunido, constitui o *corpus* de seu livro “Autorretrato em Notas de Rodapé” (Vitória/ES, 2014).

A incursão no campo da psicologia institucional, entretanto, parece não ter se tratado de uma escolha arbitrária, uma vez que sua pesquisa artística teria encontrado aí fôlego para se afirmar como pura vontade de potência (NIETZSCHE, 2013) – fomentando-lhe o aprofundamento discursivo acerca de questões que intuitivamente vinha operando em suas ações performativas, a exemplo das relações entre arte contemporânea, vida e corpo, em busca de aspectos, elementos e movimentos que, de alguma forma, interferissem sobre os modos de vida e as subjetividades produzidas em meio aos tantos desassossegos e anestesiamentos de nossa época. Atrevo-me a dizer – ainda que com algum risco – que essa escolha, ou melhor, que o tempo à ela dedicado, assim como conduziu à reflexão e à fundamentação da escritura de sua pesquisa acadêmica, também operou, invariavelmente, um verdadeiro divisor de águas na carreira da artista. Não à toa, Rubiane Maia passa, então, a abordar e a mobilizar a ação performativa a partir de certa micropolítica da delicadeza ou da suavidade, propondo questões sobre os usos dos corpos, a partir da arte, que incitassem o desencarceramento dos modos de funcionamento vigentes da vida, bem como a instauração de outros modos de olhar e estar na vida; outros modos de olhar para si mesmo e para o mundo contemporâneo. A partir daí, o foco de investigação artística de Rubiane Maia parece se voltar, portanto, para as formas de criação de si, e, em processo, tensionadas via os agenciamentos

10 Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional dessa universidade, o projeto foi criado no entrecruzamento entre arte e psicologia com o objetivo de estabelecer um campo experimental de pesquisa sobre os processos de criação no âmbito das práticas artísticas de intervenção urbana e/ou performances, bem como seus desdobramentos sobre os modos de subjetivação na contemporaneidade.

de seu universo temporal-espacial, e principalmente afetivo. Essa aposta, de um modo ou de outro, torna evidente, a constituição de uma poética cuja intencionalidade é, nas palavras da artista, ao se referir a seu ofício: “fazer uso do corpo para ampliar suas possibilidades de percepção para além do habitual, por meio de uma constante (re)elaboração de sua própria noção de território existencial (espacial, temporal, social, cognitivo etc.)”¹¹.

No repertório poético de Rubiane Maia aparecem temas como território existencial, modos de vida e militância sensível que aproximam, articulam e tensionam as noções de experiência, memória, espaço, tempo, cotidiano e corpo. Temas que pululam em um conjunto de obras, que reúnem sessenta trabalhos¹², se contados apenas os realizados entre os anos de 2006 e 2016 – recorte temporal alvo de apreciação deste texto. Nesses dez anos, incluem-se quarenta e uma performances, dez trabalhos que aliam performance e vídeo (videoarte e videoperformance), cinco trabalhos que aliam performance e fotografia, um trabalho que alia performance e texto, um trabalho que alia performance e desenho, um trabalho que alia desenho e texto, um trabalho que alia fotografia e texto, duas intervenções urbanas, duas instalações, dois curtas-metragens e um livro. No âmbito dessa produção na qual o vídeo e fotografia foram alguns dos suportes de realização dos trabalhos, quase todos têm a artista como protagonista. Este conjunto também se encontra amplamente documentado, mas não completamente em domínio público. Embora a artista utilize seu *site* e outras plataformas virtuais, como o *Vimeo*¹³, para disponibilizar ao público o acesso à memória de seus trabalhos e, conseqüentemente, de sua trajetória artística, uma parcela significativa dos (fartos) registros memoriais dos seus trabalhos se encontra ainda inédita, restrita ao acervo pessoal de Rubiane Maia. Ainda

11 Este pequeno trecho é parte do “*statement*”, espécie de carta de intenções que sintetiza a proposta artística de Rubiane Maia. SILVA, Rubiane Vanessa Maia da. “*Statement*”: carta de intenções artísticas. In: SILVA, Rubiane Vanessa Maia da. *Homepage Rubiane Maia*, [S.l., s.d.]. Disponível em: <<https://www.rubianemaia.com/>>.

12 Para visualizar os registros memoriais, bem como as imagens referentes a esse volume de trabalhos, acessar: <<https://www.rubianemaia.com/>>.

13 Para visualizar os registros de alguns dos trabalhos de Rubiane Maia cujo suporte é o vídeo, acessar: <<https://vimeo.com/rubianemaia>>.

no que diz respeito à relação entre a efemeridade da ação performática e suas possibilidades de documentação, desde o ano de 2011 a artista vem ampliando sua interface de criação entre o vídeo e a performance, e, portanto, incorporando o vídeo (de maneira mais recorrente nos últimos seis anos) em seus trabalhos. Trata-se, em sua maioria, de uma série de ações performativas realizadas para vídeo – algumas que têm uma relação bastante direta com a própria pesquisa da performance e outras em que trabalha com o vídeo como linguagem própria – visando não só à produção da imagem para além da ação, como, também, o cuidado em relação ao tipo de registro produzido, que, empreendido por ela mesma, acaba potencializando ainda mais as questões suscitadas em seus trabalhos. Nesse cenário, três dos dez trabalhos que aliam performance e vídeo circularam por oito festivais de videoarte e/ou de cinema, em eventos de países como Chile, Bulgária, México e Itália, além do Brasil; sendo, inclusive, premiado, com a menção honrosa “Fotografia em Diálogo com Experimentação Artística”, durante a realização do “23º Festival de Cinema de Vitória” (Vitória/ES, Brasil, 2016), com o trabalho “*Preparação para Exercício Aéreo, o Deserto*” (2016).

Todo esse percurso é iniciado ainda quando a artista integrava o “ÉRA Coletivo”¹⁴ (2006-2009) e colaborava com os integrantes do coletivo “Entretantos”¹⁵ (2004-2007). Explorando o campo da intervenção urbana e iniciando investidas no campo da performance, os primeiros passos de sua trajetória artística foram realizados na cidade de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, entre os anos de 2006 e 2009. Através da parceria estabelecida com a artista Amanda Freitas, o “ÉRA Coletivo”, desenvolveu entre 2006 e

14 Apesar de sua denominação incluir o termo “coletivo”, o “ÉRA” tratou-se de um duo formado por Rubiane Maia e a artista capixaba Amanda Freitas, que nasce a partir de muitos interesses comuns de vida e de curiosidades afins de ambas sobre processos artísticos. Embora o “ÉRA”, inicialmente, tenha se conformado como uma espécie de grupo de estudos, voltado à discussão da arte, com o passar do tempo se transformou, também, em um grupo de experimentação, cujas ações, até então silenciosas, ganharam ressonância e visibilidade através do evento “MultiplICIDADE: ações e intervenções urbanas”, evento de intervenção urbana, realizado em 2007, em Vitória/ES.

15 Formado pelos artistas Marcus Vinícius (1985-2012), Renato Marianno (1968-2012) e Rafael Massena, o coletivo foi responsável, entre outras ações, pela realização do projeto de ações e intervenções urbanas “MultiplICIDADE: ações e intervenções urbanas”. Em duas edições realizadas em Vitória/ES, em 2006 e 2007, o “evento buscou integrar uma nascente e fértil rede composta por diversos artistas e coletivos brasileiros centrados em ações de intervenção urbana, instigando diversos questionamentos acerca de usos e apropriações possíveis dos espaços públicos” (VIEIRA JÚNIOR, 2016, p.16).

2009 sete ações: *"Pele. Superfície. Mercado"*, em 2006; *"Traços de Ausência"* e *"Memória Sonora"*, em 2007; *"é/É"*, *"Calor"* e *"Ceci n'est pas un cadeau – Isto não é um presente"*, em 2008; e *"Morre-se"*, em 2009. As três ações produzidas nos anos de 2006 e 2007 trataram-se de intervenções urbanas que perscrutam os impactos dos processos de transformação da paisagem em virtude da desapropriação das áreas limitrofes ao bairro Goiabeiras, em Vitória/ES, para a ampliação da Avenida Fernando Ferrari¹⁶. *"Calor"* (2008) é uma ação performática que inquirir, ainda que tangencialmente, a condição de obsolescência e abandono de certas estruturas arquitetônicas da cidade, a exemplo, da antiga Fábrica 747¹⁷, no bairro Jucutuquara, em Vitória/ES. *"Ceci n'est pas un cadeau – Isto não é um presente"* (2008), por sua vez, foi uma ação colaborativa no qual a execução do trabalho não estava sob o controle das artistas, uma vez que outras pessoas eram convidadas a realizar intervenções e/ou performances por elas proposta. Por fim, *"é/É"* (2008) e *"Morre-se"* (2009) são ações que evocam a relação do corpo com elementos naturais como a água e a terra, a partir de uma certa dimensão ritualística e espiritual da performance, sem no entanto pregar qualquer espiritualidade exarcebada – o que se aproximaria das "cerimônias sem crenças" mencionadas por Jorge Glusberg (2013, p. 37) – ou se conectar a qualquer religiosidade específica. Ações bastante silenciosas, das quais apenas *"Traços de Ausência"* (2006) e *"é/É"* (2008) tiveram alguma visibilidade no âmbito dos circuitos artísticos local e nacional, alcançando um público mais abrangente, por meio, respectivamente, do "2º MultipliCIDADE: Ações e Intervenções Urbanas" – organizado pelo Coletivo Entretantos – e da exposição coletiva "Outdoor", com curadoria de Orlando da Rosa Farya, ambos os eventos realizados no Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo.

Orbitando em torno das artes performáticas, esse processo passa a ganhar força, outros contornos e, portanto, novos direcionamentos, a

16 Uma das principais vias de circulação de veículos da cidade de Vitória/ES, que interliga a ilha de Vitória ao município de Serra/ES.

17 A antiga Fábrica 747 é um legado material das estruturas produtivas fabris brasileiras, em Vitória/ES. Entre a desativação das atividades, no final da década de 1980, e o início do seu processo de reabilitação, em 2012, foram mais de 20 anos de abandono de suas instalações.

partir de meados de 2011, quando seu corpo, sua arte e sua vida passam a assumir o centro de sua obra. E há de se registrar que tanto o fim do “ERA Coletivo” quanto o ingresso no mestrado em Psicologia Institucional contribuíram com esse caminho. Há de se ressaltar, também, para tonificação de sua produção artística, o importante encontro com outro artista Marcus Vinícius¹⁸. Rubiane deveria saber muito bem que “é preciso aprender a avaliar, a escolher com quais forças se irá compor [...]” (DOMINGUES, 2010, p. 65), uma vez que dessa atenção podemos vislumbrar no outro a possibilidade de expansão das nossas próprias potências, e vice-versa. Embora não tenham desenvolvido nenhum trabalho juntos, é desse encontro que Rubiane decide que seria no campo da performance que transitaria. Assim, foi justamente durante a edição itinerante do “TRAMPOLIM_Plataforma de Encontro com a Arte Contemporânea”, realizado no Rio de Janeiro/RJ, em 2011, que a primeira performance solo da artista “À flor da pele” veio a público. Ela foi a primeira de nove ações performativas realizadas nesse mesmo ano. Somam-se a ela as performances: “O livro dos sonhos”; “Delírio”; “Abrigo para ver o céu”; “Apreço”; “Encontro. E então eu disse sim, aceito”; “Boneca de Porcelana”; “Ensaio de casamento (Vermelho-Mulher)”; “Após. Desvelo para nascer cinza”.

Destas, “À flor da pele”, “Delírio”, “Encontro. E então eu disse sim, aceito” e “Boneca de Porcelana” eram performances que discutiam muito diretamente as instâncias do sensível, do afeto, da medicalização da vida, da memória e da produção de imagens ante os modos de vida no contemporâneo – disparadas e atreladas, não por acaso, ao campo discursivo de sua pesquisa de mestrado. “À flor da pele” e “Delírio” foram apresentadas, respectivamente, no Rio de Janeiro/RJ e em Fortaleza/CE, no âmbito da edição itinerante do “TRAMPOLIM_Plataforma de Encontro com a Arte Contemporânea” – com a primeira, também apresentada, no “10º SPA DAS ARTES”, em Recife/PE. As outras duas performances, “Encontro.

18 Encontro esse que se deu inicialmente durante sua participação nas edições do evento “MultiplICIDADE: Ações e Intervenções Urbanas”, cujo vínculo se estendeu via interlocução de Marcus Vinícius nas atividades do “Eleve Coletivo”, ao ponto de se consolidar, em definitivo, através da parceria que levou à organização e realização do festival de performance “TRAMPOLIM_Plataforma de Encontro com a Arte Contemporânea”. Inseparáveis desde então, esse vínculo só foi rompido em virtude do precoce falecimento de Marcus Vinícius, em 2012.

E então eu disse sim, aceito” e *“Boneca de Porcelana”*, foram concebidas durante a primeira residência artística fora do Brasil e apresentadas no contexto do Festival de arte “PorNO PorSI”, em Buenos Aires, na Argentina. *“O livro dos sonhos”*, por sua vez, foi uma ação concebida quando da participação de Rubiane em sua primeira residência artística realizada no Brasil, em Liberdade/MG, “Terra Una: VER Encontro de Arte Viva”. Na ocasião, Rubiane explora o potencial processual e colaborativo da performance, a partir de uma pesquisa focada na investigação dos sonhos da pessoas, e que delicadamente permeia as instâncias do sensível e da memória. *“Após. Desvelo para nascer cinza”* foi uma performance especialmente concebida para o dia da defesa de sua dissertação de mestrado e buscou afirmar o seu próprio corpo como ponto nevrálgico da escritura de sua pesquisa. *“Abrigo para ver o céu”* e *“Apreço”* voltam-se à investigação do tempo, da experiência da lentidão e nela a noção de espera. Trataram-se de suas primeiras experimentações de ações performativas para vídeo, responsáveis por suscitarem os primeiros passos rumo à investigação do corpo na paisagem, bem como uma atenção à produção de imagens sensíveis para além da ação – direção essa que ganha cada vez mais espaço em sua produção artística nos anos que se seguiram. *“Ensaio de casamento (Vermelho-Mulher)”*, por sua vez, foi uma performance realizada em Vitória/ES, no âmbito do “1º BOOM_Global Creative Action” e tinha na leitura de cartas de amor um pretexto para visibilizar os constrangimentos e as violências simbólicas e reais dos microfacismos sofridos pelo corpo feminino que perpassam o rito do casamento e a mitologia do amor romântico.

O seu desejo de produzir era muito grande – o que torna-se nítido se observado o volume de produções que emergiram a partir de 2012. Após a conclusão do mestrado, a necessidade em dar mais atenção a essa vontade de fazer, de circular por outros lugares, de explorar encontros com novos pares, experimentando e apresentando os resultados de sua poética em construção, só se intensificou. E apesar da precariedade que cerca todo artista em início de carreira e dos desafios decorrentes da histórica invisibilidade de mulheres artistas no campo da arte (AMARAL et al., 2017; CARVALHO et al.,



2019) – no seu caso de uma mulher negra, periférica, do sul global (ANJOS, 2017) –, com poucos recursos materiais, técnicos e, sobretudo financeiros, Rubiane, entre os anos de 2012 e 2014, não hesitou em reivindicar o seu espaço, se afirmando tanto no circuito institucional quanto independente do campo da performance e do vídeo, no Brasil e no exterior. Em 2012, ela foi convidada para integrar a exposição coletiva “Rito Resigno”, no CCBNB, Fortaleza/CE, com curadoria de Ana Cecília Soares & Júnior Pimenta, na qual apresentou na abertura da exposição a performance “À flor da pele”. Ademais, nesse mesmo ano, a artista produziu e apresentou quatorze performances. Foram elas: “Arritmia”; “Incubação. Transbordamento para copo d’água”; “Observatório”; “Vermelho-bicho (Interlúdio)”; “Caminho do Chá”; “La maison jaune (préparation pour rencontre)”; “Travessia”; “Labirinto”; “A los cuatro vientos (cómo producir una declaración de amor)”; “Entre nós”; “Estigma (siempre hay una promesa)”; “Jardín secreto – porque deseo creer”; “O intangível”; e “Transferência. Talvez o nascimento das águas”. Apesar de suas particularidades intrínsecas, tratam-se de trabalhos cujo elo magnético e invisível comum demarca um período de produção da artista interessado na investigação do deslocamento como construção poética – fruto do compromisso íntimo com a condição nômade¹⁹ intencionalmente requerida e vivida por ela à exaustão, no decorrer desse ano – e que se estendeu até o final de 2013. Dessas, apenas “Arritmia” e “O intangível” foram produzidas fora do contexto de algum evento, festival ou residência artística. E com exceção da residência realizada em outubro deste ano em Barcelona – primeira residência que participa com formato um pouco mais profissional, e com aporte financeiro da instituição promotora para execução do projeto – as demais incursões artísticas empreendidas durante esse período foram viabilizadas por meio de esquemas de produção independente, auto-financiamento e/ou com ocasionais patrocínios de editais públicos de fomento à arte e à cultura.

19 Contribuiu para isso o período de intervalo de suas funções como professora, em virtude da licença que conseguiu junto à Prefeitura de Vitória/ES. Tempo sabático em que Rubiane utilizou tanto para circular por diferentes contextos quanto para intensificar sua produção artística.

"Arritmia" e *"O intangível"*, realizadas, respectivamente, em Conceição da Barra/ES, Brasil, e em Lyon, na França, são ações que dão continuidade à experimentação do potencial estético das relações entre corpo e ambiente de existência, a partir da ideia de pensar o corpo desenhado na paisagem – questão que será retomada mais à frente em sua trajetória, em alguns casos de forma sutil e em outros de forma bastante visceral. Flerte que segue sendo explorado em *"Observatório"*, apresentada durante o "2º Circuito de Performance Bode Arte", em Natal/RN. Aqui, uma outra camada é acionada: a de uma certa indiscernibilidade entre gestos e ações cotidianas e a ação performativa no espaço público. *"Incubação. Transbordamento para copo d'água"* (apresentada no "11º Festival de Apartamento", em Campinas/SP), *"Caminho do Chá"* (no "Festival Olhares sobre o Corpo", em Uberlândia/MG) e *"Transferência. Talvez o nascimento das águas"* (no "1º Venice International Performance Art Week", em Veneza, na Itália; e no "2º BOOM_Global Creative Action", no Rio de Janeiro/RJ), são ações envoltas por simbolismos que remetem aos fluxos da vida, aos aspectos sensoriais e radicalmente indiossincráticos do corpo, da intimidade e da memória, tendo como fio condutor a lentidão do tempo das águas. *"Vermelho-bicho (Interlúdio)"*, por seu turno, apresentada durante o "ATROCIDADE - II Sarau Literário Cronópio", em Vitória/ES, evoca pela primeira vez a voz, mas não uma voz lógica, e sim sons não racionalizados frutos da reatividade dos esforços do corpo, e que rompem com o pacto silencioso estabelecido em seus trabalhos até então. Já em *"La maison jaune (préparation pour rencontre)"*, *"Travessia"* e *"Labirinto"*, é a dor, o adormecimento, o estado de luto, que são mobilizados. As duas primeiras foram concebidas durante a residência artística "LeóB – Fabrique à rêves", em Paris, na França e apresentadas durante o "Espírito Mundo Paris" – ações produzidas sob o luto da morte de seu grande amigo e parceiro de projetos Marcus Vinícius. Ecos da severidade e da visceralidade desse estado de luto podem ser vistos, ainda, em *"Labirinto"*, performance apresentada no contexto do "Espírito Brum Festival", em Birmingham, no Reino Unido. "A



los cuatro ventos (cómo producir una declaración de amor)”, *“Entre nós”*, *“Estigma (siempre hay una promesa)”* e *“Jardín secreto – porque deseo creer”*, em contrapartida, falam de cuidado, ou melhor, de autocuidado, conforto, delicadeza e autoconhecimento. Desenvolvidas no âmbito da “Cal Gras – Alberg de Cultura e Residência Artística”, no povoado de Avinyó, em Barcelona, na Espanha, tratam-se de ações que instauram um segundo ponto de virada na produção da artista, conectado ao que ela buscou mobilizar a partir de então, e que se faz presente até hoje: os desdobramentos clínicos²⁰ de suas ações performativas, isto é, “um trabalho ético sobre *si*, uma política em *si*, uma criação de *si*, que faz as sensações se dobrarem, se redobram, se desdobram em múltiplas afirmações” (DOMINGUES, 2010, p. 18).

Da reivindicação à afirmação do seu espaço na arte, é inquestionável o quanto a sua entrega nesses processos de efervescência produtiva corroborou para essa transição – que se torna tanto mais evidente quanto ganha contornos cada vez mais concretos nos anos de 2013 e 2014. E curiosamente essa afirmação acontece em um período marcado menos pela efervescência – como nos anos anteriores – e mais pela incorporação metódica do sentido das palavras *concisão* e *esgotamento* aos seus processos

20 Não se trata da clínica concebida segundo o modelo hegemônico, nascido na modernidade, de base biologicista, e que desde então orienta o campo de atuação dos profissionais ligados ao cuidado em saúde. Contrária a essa perspectiva – inquirida e colocada em xeque por Michel Foucault (2003) – os desdobramentos clínicos a que nos referimos, aqui, não acionam o conhecimento de si em busca de uma pretensa verdade sobre a natureza humana; mas como via capaz de acionar outras práticas de cuidado, capazes de operar pelos afetos, pelas multiplicidades, pela criação e pela liberdade – algo próximo ao que Lygia Clark, por exemplo, ao longo de sua trajetória, procurou evocar em suas proposições, a partir do híbrido arte/clínica.

criativos²¹. Em 2013, Rubiane Maia foi contemplada nos editais “Bolsa Ateliê de Artes Visuais” e “Publicação de Obras Literárias”, ambos da Secretaria de Estado de Cultura do Espírito Santo. O primeiro viabilizou, dois anos mais tarde, a produção dos trabalhos que viriam a figurar tanto em exposições coletivas quanto na sua primeira – e até então única – exposição individual; enquanto, o segundo, a publicação, no ano seguinte, do seu livro. A artista também integrou as exposições coletivas “O corpo é o meio”, durante a SP-Arte, em São Paulo/SP, com curadoria de Mariana Lorenzi, na qual apresentou a performance “Observatório”; e “9th Kaunas Biennial UNITEXT”, em Kaunas, na Lituânia, com curadoria de Virginija Vitkiene, no qual performou os trabalhos “Encontro. E então eu disse sim, aceito” e “À flor da pele”. Ademais, no decurso do ano, Rubiane criou e performou quatro novos trabalhos: “Claustro – estudo sobre a permanência, ou nada”; “Esquecimento”; “Decanto, até quando for preciso esquecer”; e “Hasta el infinito”.

Estes foram os últimos trabalhos frutos dos agenciamentos de desterritorialização e reterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 2008), afeitos às implicações do tornar-se estrangeira em seu próprio país e imigrante em tantos outros por onde transitou durante esse período de licença de sala de aula. Os dois primeiros foram concebidos durante o período da residência artística “Articultores: Proyectos Clandestinos”, em Buenos Aires, na Argentina. Enquanto “Claustro – estudo sobre a permanência, ou nada”, explora a ideia de isolamento, do isolar-se, e a possibilidade de

21 Concisão e esgotamento tratam-se de aspectos que passam a mobilizar com bastante intensidade seus processos criativos, cujos desdobramentos levarão Rubiane Maia a um saber-fazer artístico menos interessado na quantidade – no volume de trabalhos produzidos – e mais na potência do mínimo. A esse respeito, diz ela: “Eu encaro a concisão como um aspecto que me trouxe mais minimalismo para o meu trabalho. Porque com ela, eu comecei a pensar e a gostar muito da ideia de que esgotar uma ideia. E esgotar uma ideia, um conceito, pode gerar não uma, mas muitas performances. Então todas as vezes que eu tenho uma ideia, para desenvolver um trabalho, eu tento limpar. O que não é essencial? O que não é super importante? Se isso não é super importante, eu corto. Ou, então, se isso é tão importante e está competindo com outro, muito importante, eu divido. Isso virou uma espécie de metodologia de trabalho, que eu aplico até hoje” (SILVA, 2020). Nesse sentido, se por um lado, a ideia de concisão, no âmbito de seus processos criativos, revela sua aposta no mínimo, no detalhe, naquilo que, a princípio, parece insignificante – e que, juntas, numa única ação, perderia sua potência por levar para muitas questões diferentes. Por outro, a ideia de esgotamento parece aludir a sua aposta nos múltiplos desdobramentos que uma única ideia pode evocar quando decomposta em *frames*, os quais poderão ser acionados, retomados, refeitos, recombinações em temporalidades distintas e, conseqüentemente, reinterpretados segundo diferentes interesses e necessidades em constante deslocamentos.

se estabelecer uma relação de intimidade com um lugar semiabandonado a ponto de torná-lo receptível; *"Esquecimento"* é um trabalho fotográfico extremamente intimista, vinculado ao interesse da artista pela questão da memória, em especial ao seu fascínio pela incapacidade humana de esquecer. Fascínio e, também, desejo, cujo amadurecimento encontrará maior reverberação e visibilidade em *"Decanto, até quando for preciso esquecer"* – ação que busca forjar táticas e procedimentos através dos quais o esquecimento pudesse emergir como possibilidade. Apresentada pela primeira vez durante o "Festival Espírito Mundo", em Vila Nova de Gaia, em Portugal, o aprofundamento das questões conceituais e formais iniciais desse trabalho puderam ser desdobradas durante a residência de pesquisa "Seu Vicente", em Lisboa, Portugal, conduzindo, nesse mesmo ano, à exibição da performance nas ocasiões do "Exchange Dublin", em Dublin, na Irlanda; "Vênus Terra", no Rio de Janeiro/RJ; e "Hacklab-LIS", em Vitória/ES. Em *"Hasta el infinito"*, desenvolvido no Deserto de Almería, em Andalúcia, na Espanha, parte-se da ideia de poema visual para explorar a relação entre visão e não-visão como via de sensibilização dos demais sistemas perceptivos do corpo, levando-o a outros estados de escuta e atenção. Rubiane se propôs, ainda, a refazer a performance *"Transferência. Talvez o nascimento das águas"*, concebida e realizada duas vezes no ano anterior. Desta vez, a apresentação aconteceu no âmbito da residência artística "NUVEM: Residência de Verão e ENCONTRADA", em Visconde de Mauá/RJ, e teve como princípio experimentar uma outra configuração em torno do uso consciente da memória como interlocutor da ação performativa. Cumpre destacar, inclusive, que *"Transferência. Talvez o nascimento das águas"* é o trabalho que deflagra essa sequência de ações onde a questão da memória passa ser um dos operadores centrais para processo de performance em sua produção artística.

Embora os trabalhos apresentados até aqui estejam vinculados às linguagens mais diretamente relacionadas à performance, isso não significa que Rubiane não estivesse operando investidas silenciosas em outros



campos. O que poderia ser percebido – talvez até pela própria artista – como um flerte íntimo e despretenso com outras linguagens, a partir de 2014 ganha tónus, vindo à tona através de trabalhos pães do interesse confesso em expandir sua produção artística em direção à diferentes mdias, tais como a literatura, o vídeo, a fotografia, o desenho e o cinema. Provas dessa expansão e versatilidade podem ser aferidas tanto com a produção dos trabalhos *“Pêndulo”*, *“Ponto”*, *“Antes que eu esqueça”*, *“Esboço de um corpo desconhecido”* e *“Uma maçã e duas cadeiras”*; quanto com o lançamento do livro *“Autorretrato em Notas de Rodapé”*. E não se encerra aí. Em 2014, Rubiane foi selecionada no edital “Produção de Curta Metragem de Ficção”, da Secretaria de Estado de Cultura do Espírito Santo – cuja premiação viabilizou a produção de seu primeiro curta-metragem.

“Pêndulo” e *“Ponto”* são trabalhos cujo desenho é acionado, respectivamente, como via de expressão de processos e experimentações artísticas. No primeiro, o protagonismo do desenho  acidental. Trata-se do esboço de um projeto de performance para vídeo, nunca executado, que pretendia explorar a ideia de corpo-pêndulo, corpo em estado de movimentos repetitivos – expansão para o corpo com um todo daquilo que vinha praticando com a voz e a palavra em *“Decanto, até quando for preciso esquecer”*. No segundo, por sua vez, o protagonismo do desenho  intencional, e diz respeito  criação de um mapa que busca representar, de modo abstrato, os afetos partilhados em um encontro entre a artista e outras pessoas que nunca aconteceu presencialmente, mas apenas a partir de sua investigação sobre a noção de telepatia. *“Antes que eu esqueça”*  uma ação de performance para vídeo derivada de sua investigação sobre o funcionamento da memória, e que transforma a primeira parte da performance *“Decanto, até quando for preciso esquecer”* em uma ação de longa duração. Nela, joga com o binmio lembrança-esquecimento, a fim de estabelecer um outro tipo de tensionamento da memória no corpo. *“Esboço de um corpo desconhecido”* e *“Uma maçã e duas cadeiras”* – realizados via edital “Bolsa Ateliê de Artes Visuais”, de 2013 – dizem respeito,



respectivamente, a ações de performance para vídeo e performance para fotografia, que perscrutam a memória afetiva que perpassa a relação entre corpo e alimentos. Se no primeiro, é o seu próprio corpo o dispositivo catalisador dessa implicação afetiva com o alimento; no segundo, sua presença não é de todo suprimida uma vez que é ela quem registra os corpos de outras mulheres performando essa relação. Em *"Autorretrato em Notas de Rodapé"* – publicado via edital "Publicação de Obras Literárias", do ano anterior – Rubiane faz uma espécie de curadoria de textos autorais em prosa e poesia produzidos entre os anos de 2008 e 2013. Textos que nunca haviam vindo à público até então, e que expõem uma outra faceta dos processos criativos da artista, na qual a escrita é operada como dispositivo de ação, de comunicação e de reflexão sobre os processos e percursos vividos. Ainda em 2014, Rubiane integrou as exposições coletivas: "Cúando tú for mi leva", na Galeria Espaço Universitário/UFES, em Vitória/ES, com curadoria de Júlio Martins, na qual apresentou a performance *"Caminho do Chá"*; "V Bienal Internacional de Performance DEFORMES – 2014", no Museu de Arte Contemporânea, em Valdivia, no Chile, com curadoria de Gonzalo Rabanal, exibindo as performances *"Decanto, até quando for preciso esquecer"* e *"Travessia"*; e na "Mostra Performatus #1", na Central Galeria, em São Paulo/SP, com curadoria de Paulo Aureliano da Mata e Tales Frey, performando o trabalho *"Delírio"*.

Os anos de 2015 e 2016, por sua vez, são especialmente marcantes em sua carreira. Isso porque se nos anteriores a artista vinha trilhando, com bastante consistência, a afirmação de sua produção artística no campo das artes visuais – e, também, em direção a outros campos – nesses anos, Rubiane Maia se consolida, em definitivo, como um dos nomes relevantes da geração de performers, brasileiros e estrangeiros, à qual pertence – vindo a ser reconhecida por uma série de artistas e curadores com os quais veio a trabalhar, como Marina Abramović, Ayrson Heráclito, Roberto Conduru e Marcelo Campos, só para citar alguns. Em 2015, produziu seu primeiro curta-metragem *"EVO"*, realizado em parceria com a artista, atriz e cineasta Renata



Ferraz – através do edital “Produção de Curta Metragem de Ficção”, de 2014. Rubiane também foi selecionada nos editais “Produção de Curta Metragem de Ficção”, “Setorial de Artes Visuais” e “Setorial de Dança”, todos da Secretaria de Estado de Cultura do Espírito Santo. O primeiro fomentou a produção do seu segundo projeto no âmbito do cinema, enquanto os outros dois a produção de duas performances para vídeo, que vieram a público no ano seguinte. A artista integrou, ainda, a exposições coletivas “Teatro Estúdio”, na Galeria Homero Massena, em Vitória/ES, com curadoria de Herbert Baioco, na qual apresentou a performance “*Decanto, até quando for preciso esquecer*”; e “*Modos de Usar*”, no Museu de Arte do Espírito Santo – MAES, em Vitória/ES, com curadoria de Júlio Martins, exibindo os trabalhos “*Esboço de um corpo desconhecido*” e “*Uma maçã e duas cadeiras*”. Este último, cumpre destacar, também foi exibido individualmente, ocasião que se configurou como sua primeira exposição individual intitulada “*À primeira vista: uma maçã e duas cadeiras*”, realizada no SESC Vila Mariana, em São Paulo/SP. Nesse mesmo ano, Rubiane ainda produziu a instalação “*Sim*”, realizou as performances para vídeo – “*386 passos além*” e “*Baile*” – bem como idealizou e apresentou as performances “*O Jardim*”, “*Span*”, “*Estudos Aéreos*”, “*Banquete*” e “*Anamnese*”.

Trata-se de trabalhos que, no seu conjunto, parecem encontrar, no entrecruzamento de diferentes suportes e linguagens, um saber-fazer artístico que implica em constantes reelaborações de seu estatuto poético e estético, a fim de dar passagem à multiplicidade de perspectivas e olhares possíveis sobre a sua própria produção. Trabalhos, por exemplo, que por mais que tenham suas ações como ponto de partida, contêm imagens cada vez mais atentas para que o seu corpo não seja o centro gravitacional deles. O que põe em evidência vetores que esticam, tensionam e amplificam a relação entre corpo e performance em outras direções, sobretudo a partir desse momento, em que ela assume operacionalmente a produção da imagem. “*EVO*” – que estreou no 26º Festival Internacional de Curta-Metragens de São Paulo/SP, e no 22º Festival de Cinema de Vitória/ES – explora a sua atenção ao sonhos



e o papel que eles desempenham na consolidação de certas memórias que, em repetição, impregnam o corpo, o imaginário e as emoções. *"Sim"* – instalação derivada de *"Uma maçã e duas cadeiras"*, e produzida para a exposição coletiva *"Modos de Usar"*, em Vitória/ES – expõe a maçã como elemento escultórico e em movimento, cujo olhar sobrepõe a decomposição imagética da matéria à sua decomposição natural. *"386 passos além"*, *"Baile"* (produzido durante a residência artística *"Cemitério do Peixe: Morte e Magia nas Artes Visuais"*, em Conceição do Mato Dentro/MG) e *"Estudos Aéreos"* (apresentado durante o *"Corpo Contínuo"*, no SESC Santana, São Paulo/SP) são trabalhos voltados à instauração de um corpo sensível e em permanente estado de movimento. No primeiro, a dissolução do movimento empreendido pelo corpo chama a atenção para o movimento do próprio ambiente. No segundo, os movimentos escapam ao controle, sendo produtos das intensidades que a ambiência ativa no próprio corpo. Já no terceiro, o movimento é operado a partir de exercícios previamente estabelecidos, que vislumbram uma relação entre corpo e espaço aéreo. *"Span"* (apresentado no *"Performapa"*, no SESC Ipiranga, em São Paulo/SP) e *"Anamnese"* (exibido durante o *"Performance em Encontro"*, no SESC Campinas, em São Paulo/SP) evocam, novamente, a questão da memória, mas sob outras perspectivas. Enquanto no primeiro, a artista joga com estratégias de memorização como via de exposição dos dispositivos de objetificação da memória, no contemporâneo; no segundo, por sua vez, demonstra o quão pretensiosa e intangível é a ideia por detrás do dicionário, qual seja: acomodar num único lugar a memorização de uma língua inteira. *"Banquete"* – realizado em parceria com o artista paulistano Tom Nóbrega, e apresentado durante o *"p.ARTE #27"*, em Curitiba/PR – é uma ação derivada de *"Delírio"*. Aqui, ao invés da escrita, o que está em questão é a possibilidade de criação de diálogo, quando corpo e consciência são induzidos a um estado de letargia



e sonolência via ingestão de ansiolítico²². *“O Jardim”* – especialmente produzido para integrar a exposição *“Terra Comunal - Marina Abramović + MAI”*²³, no SESC Pompeia, em São Paulo/SP – é um trabalho derivado de *“Jardín secreto – porque deseo creer”*. Ao cultivar um jardim de feijões, a partir de uma nova e complexa configuração, Rubiane, durante dois meses, alia exercícios de cuidado, aplicados a si e ao outro – singular relação entre performance e clínica de si²⁴ – que chama atenção, senão, para o ressoar da potência da vida.

Já em 2016, a artista colheu os primeiros de muitos dos frutos semeados nesses últimos dois anos de imersão no campo do audiovisual. Teve o curta-metragem *“EVO”* exibido²⁵ em três festivais de cinema: *“XI Mostra Produção Independente/ABD Capixaba”*, em Vitória/ES; *“Vilnius LGBT Festival ‘Kreives’”*, em Vilnius, na Lithuania; e *“The World Festival of Emerging Cinema”*, em Trinidad e Tobago. Teve apresentada, ainda, a performance para vídeo *“Antes que eu esqueça”*²⁶, respectivamente, nos festivais de Arte Contemporânea e Videoarte *“TPA Torino Performance Arte”*, em Turin, na Itália; e *“IV Mostra IP”* – mostra nacional de vídeos que itinerou por 27 cidades brasileiras de 15 estados. Ademais, integrou as exposições

22 Medicação psicotrópica de efeito tranquilizante, do grupo dos benzodiazepínicos. Sua função essencial é inibir certas funções do sistema nervoso central, através de um efeito sedativo que inibe a excitação, agitação, tensão e o estado de alerta, trazendo relaxamento, sonolência e sensação de calma. Embora a medicação seja de uso restrito – dirigido ao tratamento da ansiedade aguda e da insônia transitória – o seu uso tem se alastrado, tomado como forma de minimizar a fadiga crônica que envolve os modos de vida contemporâneos.

23 Tratou-se de uma das maiores retrospectivas já realizadas sobre a carreira de Marina Abramović. Em paralelo à exibição dos trabalhos da aclamada artista sérvia, Marina, juntamente com suas assistentes Paula Garcia e Lynsey Peisinger, realizaram a curadoria do projeto *“Oito performances”*, que selecionou oito artistas brasileiros que integraram à mostra, através do qual apresentaram performances autorais, de longa duração.

24 A clínica de si teria como prerrogativa a ética, e implicaria uma indissolubilidade entre crítica e clínica. Para Suely Rolnik (1995, p. 5) trata-se de uma prática “que visa desenvolver a escuta do que excede as formas de expressão de que dispomos para que se possa criar novas formas que encarnem estas transformações já havidas”. Ainda sobre essa questão, segundo Liliana da Escóssia e Maurício Manguiera (2005, p. 97), o sujeito aí é concebido como corpo-subjetividade, “composto e atravessado por forças em processos de atualização, isto é, constituindo-se e constituindo outros corpos. [...] Desse modo, os corpos podem atentar para suas zonas de influência préindividuais, para o que se encontra em vias de diferir de si, para afirmar suas infrapercepções, suas ínfimas idéias, seus quase imperceptíveis afetos em direção a uma nova composição”.

25 Em 2020, o filme integrou a mostra *“Filmes Capixabas”*, veiculada pela TV Educativa do Espírito Santo.

26 Este vídeo, em 2018, fez parte da exposição coletiva *“In Loqus: Mostra de Performance”*, no SESC Santo Amaro, em São Paulo/SP, com curadoria de Renan Marcondes e Villas.

coletivas "PASSE/IMPASSE", no Blueproject Foundation, em Barcelona, na Espanha, com curadoria de Aurélien Le Genissel, com a performance para vídeo "*386 passos além*"; "Ongoing - a day of performance art", na Embaixada do Brasil em Londres, em Londres, no Reino Unido, com curadoria de Clara Rocha e Flavia Gimenes, com a performance para vídeo "*Baile*"²⁷; "PER-FORMA - Biopolíticas: formas de (re)existir", no SESC Bom Retiro, em São Paulo/SP, com curadoria de Melanie Graille, na qual apresentou a performance "*Caminho do Chá*"; e "*Marcus Vinicius*", na Galeria Espaço Universitário/UFES, em Vitória/ES, com curadoria de Júlio Martins, na qual foi exibido o registro de vídeo da performance "*Transferência. Talvez o nascimento das águas*", apresentada em homenagem à Marcus Vinicius na ocasião da "1° Venice International Performance Art Week" (2012), em Veneza, na Itália. Alcance já absolutamente significativo para alguém cuja produção em audiovisual dava apenas os primeiros passos em direção a uma projeção ainda maior, que teria nesse ano, bem como nos anos subseqüentes. Tanto, que, de todos os trabalhos concebidos e executados ao longo de 2016, quase a metade tem como suporte o vídeo – urdidos sob o prisma da sutileza, delicadeza e, sobretudo, sensibilidade no modo de conceber suas imagens. Rubiane, assim, produziu 11 trabalhos: o seu segundo curta-metragem "*Ádito*"; as performances para vídeo "*Preparação para Exercício Aéreo, o Deserto*", "*Preparação para Exercício Aéreo, a Montanha*", "*Apanhador de vento*" e "*Janela Temporária. À Luz das Sombras*"; as performances "*Where everyone sees*", "*Próximo a uma direção invisível*", "*Cartas ao vento*" e "*La mesa*"; a performance para fotografia "*Ponto Cego*"; e a instalação "*Cais*".

Desses, apenas quatro foram desenvolvidos de maneira solo. "*Where everyone sees*" – apresentado durante o "Ongoing - a day of performance art", na Embaixada do Brasil em Londres, em Londres, no Reino Unido – é uma ação em que a artista convoca o imaginário londrino a fabular

27 Esse trabalho veio a integrar, ainda, três outras exposições coletivas nos anos seguintes: "Negros Índicios" (2017), na Caixa Cultural São Paulo, em São Paulo/SP, com curadoria de Roberto Conduru; "Mercedes Baptista: o corpo e a dança" (2018-2019), na Galeria Candido Portinari/UERJ, no Rio de Janeiro/RJ, com curadoria de Amanda Bonan, Analu Cunha e Marcelo Campos; e "Videografias do Corpo" (2019), na Galeria Homero Massena, em Vitória/ES, com curadoria de Nicolas Soares.

outros encontros possíveis com esse animal que, durante 300 anos, foi alvo de estigma e perseguição da tradição aristocrática inglesa, a raposa. *“Janela Temporária. À Luz das Sombras”*²⁸ e *“Ponto Cego”* – desenvolvidos durante a residência artística no “Centro de las Artes de San Agustín”, em Oaxaca, no México – são trabalhos que tem como ponto de contato uma pesquisa baseada na observação da luz (solar e artificial). Enquanto o primeiro toma partido da forte incidência solar local para fazer emergir no movimento das sombras o redesenho da paisagem ambiente, no segundo – fruto de sua participação no workshop “Toward a Poetic Image”, desenvolvido nesse mesmo contexto – a artista expõe seus olhos à forte incidência da luz artificial de uma lanterna, de modo que pudesse vagar pelo espaço, acometida por um estado de cegueira iluminada e, assim, problematizar o desconforto com esse excesso de clareza das coisas fruto de uma branquitude tóxica que cega. *“Cais”* – especialmente produzido para a exposição coletiva “Marcus Vinicius”, realizada na Galeria Espaço Universitário/UFES, em Vitória/ES, com curadoria de Júlio Martins – é um trabalho em homenagem ao grande amigo, no qual a artista cria uma instalação baseada em uma performance nunca executada e que teria sido a primeira ação que realizariam juntos, não fosse a morte precoce de Marcus Vinicius.

Os demais contaram com a parceria de outros artistas, convidados a participar não só dos trabalhos, mas a construí-los junto com Rubiane. *“Ádito”*²⁹ é o segundo curta-metragem realizado em parceria com Renata Ferraz, via edital “Produção de Curta Metragem de Ficção”, de 2015,

28 Em 2017, esse trabalho integrou a exposição coletiva “Mulheres a Caminho”, na AT|AL|609 – lugar de investigações artísticas, em Campinas/SP, com curadoria de Fausto Gracia & Cecilia Stelini. Ademais, foi apresentado em diferentes festivais de filme, quais foram: “Expanding Bodies” (2017), em Puebla, no México; “Perfome-se: Fronteiras Borradas/Fronteiras Erguidas” (2017), Vitória/ES; “Cine Rua 7 [Anatomia Mágica]” (2018), em Vitória/ES; “The Quarantine - International Short Film Festival” (2018), em Varna, na Bulgária; e “ARQFILMFEST - Arquitectura Film Festival” (2018), em Santiago, no Chile.

29 Embora tenha sido produzido em 2016, o curta só foi lançado no ano seguinte, na ocasião do “24° Festival de Cinema de Vitória”, em Vitória/ES. Nesse mesmo ano, o filme foi exibido, ainda, no “6° Cinerama: zonas de correspondências”, no Rio de Janeiro/RJ; e no “21° Islands International Short Film Fest”, em Nova Iorque, no EUA. Nos anos seguintes o filme figurou, também, na “13ª Mostra Produção Independente ABD ‘Novos Rumos’” (2018), em Vitória/ES; “Representatives - Conference Women in Transition” (2018), em Oxford, no Reino Unido; “VALONGO - Festival Internacional da Imagem” (2018), em Santos/SP; “FECIN - Festival de TV e Cinema do Interior do Espírito Santo” (2018), em Muqui/ES; “1ª Mostra Nacional de Audiovisual: Há um lugar para a arte?” (2019), em Vitória/ES; e “Mostra de Filmes Capixabas - TVE” (2020), em Vitória/ES.

da Secretaria de Estado de Cultura do Espírito Santo. Aqui, a relação entre fragmentos de memória e narrativas oníricas é evocada mais uma vez. Entretanto, enquanto “EVO” explora tal relação como uma espécie de fantasmagoria, desta vez, ela é apresentada como via possível de compreensão do vivido. “*Preparação para Exercício Aéreo, o Deserto*” (desenvolvido em parceria com o artista Tom Nóbrega) e “*Preparação para Exercício Aéreo, a Montanha*” (feito em conjunto com o artista Manuel Vason) – ambos produzidos com auxílio dos respectivos editais de 2015, da SECULT/ES: “Setorial de Dança” e “Setorial de Artes Visuais” – são desdobramentos de “*O Jardim*” e “*Estudos Aéreos*”. Produzidos em lugares de elevada altitude, exploram a criação de processos corporais que dão passagem ao desejo de maior intimidade com o espaço aéreo, com esse lugar a princípio inalcançável e impossível. “*Apanhador de vento*”³⁰ e “*Cartas ao vento*” (em colaboração com a artista Carla Borba), concebidos no contexto da residência artística promovida pelo “Programa Público de Performance Península (PPPP)”, em Porto Alegre/RS, jogam com a potência do movimento do vento como elemento poético e estético, seja ele, respectivamente, natural ou improvisado através dos movimentos do próprio corpo. Ambos os trabalhos fizeram parte, ao final da residência, da exposição coletiva “Paradigma da Presença”, na Galeria Península, em Porto Alegre/RS, com curadoria de Denis Rodriguez – sendo que o segundo foi executado exclusivamente durante este evento. “*Próximo a uma direção invisível*” (com a artista Marcela Antunes) e “*La mesa*” (em colaboração com os participantes do Workshop “La Mesa: laboratório de telequinesia”, ministrado pela artista também no âmbito da residência artística realizada no “Centro de las Artes de San Agustín”, em Oaxaca, no México) são ações fruto de sua pesquisa sobre a interlocução entre a prática da performance e o conceito de telecinesia. Ambos colocam em prática uma espécie de treinamento que visa ativar a consciência sobre o uso da energia que está presente nos corpos, humanos e não-humanos. O primeiro, além de ter sido produzido durante a residência artística do “Museu

30 Em 2018, o trabalho integrou a exposição coletiva “Territórios Internos”, na Casa Porto das Artes Plásticas, em Vitória/ES, com curadoria de Natalie Mirêdia.

Bispo do Rosário”, no Rio de Janeiro/RJ, também integrou a exposição coletiva “Das virgens em cardumes e da cor das auras”, realizada nesse mesmo contexto, com curadoria de Daniela Labra.

Notas (in)conclusivas

Em 2016, Rubiane Maia alcançou dez anos de uma trajetória artística cuja força impressiona. Força esta que, sem receio de incorrer em exageros, se faz presente quando a arte se torna um meio prolífico de catarse, não só para o artista, como, também, para o seu público. Em outras palavras, quando o artista evoca em suas ações um território em que é possível se desarticular do que se acostumou a ser, de modo que se possa “aparecer diante de si mesmo estranho, áspero, alquebrado, ambulante, um balaio de muitos” (PRECIOSA, 2010, p. 52). Talvez por isso, Rubiane Maia é um dos nomes centrais dessa geração de artistas capixabas surgidos no começo do século XXI – e, até o momento, um dos que conseguiu maior inserção no cenário nacional e internacional, participando de diversos eventos importantes no campo das artes performáticas, no Brasil e em outros cantos do mundo – a ponto de se tornar, atualmente, uma das mais reconhecidas performers no cenário brasileiro contemporâneo. E embora tal reconhecimento seja notório – como é possível vislumbrar via cartografia do percurso artístico trilhado por Rubiane entre os anos de 2006 e 2016 – espanta-nos, no entanto, a escassez de publicações da área que ascendam o interesse na pesquisa teórica e no exercício crítico sobre a produção desta artista – seja orientado ao exame individual dos seus trabalhos, seja sob uma perspectiva mais ampla, direcionada à compressão do escopo de suas obras em seu conjunto. Assim, apesar deste empreendimento cartográfico ser apenas um recorte no universo de trabalhos de Rubiane Maia, acreditamos que ele possa ser o ponta-pé num processo de apresentação e de descoberta de sua obra em âmbito nacional – contribuindo tanto para a difusão da arte produzida por Rubiane Maia, aqui e no mundo, em especial no campo da performance e do vídeo, quanto para a inserção do seu projeto poético no radar da crítica de arte contemporânea.



Buscamos, portanto, colocar em circulação o conjunto da obra de Rubiane produzido nos primeiros dez anos de sua carreira, não somente dando visibilidade a sua produção, mas, também, introduzindo a importância e a potência desses trabalhos, sobretudo naquilo que diz respeito à indiscernibilidade entre vida e obra – tendência que no âmbito do projeto poético desta artista levou e tem levado ao reconhecimento da vida como potência de criação, território existencial ético-estético (GUATTARI, 1992), onde arte, vida e obra estão tão próximas que suas fronteiras se tornam indiscerníveis. Território esse que explora a capacidade da arte em se manifestar como um “laboratório ético, estético, poético e político do sensível, da heterogeneidade, do outramento” (SILVA, 2011, p. 8) – suscitando em nós outras formas de experimentar ou experienciar novas relações consigo, com o outro, com o espaço, com o tempo; em suma, com a própria vida. Tendência que quanto mais explorada por Rubiane em suas ações, mais parece conduzi-la à afirmação do seu fazer artístico como instância na qual empreende uma espécie de exercício de gradações de prudência (DOMINGUES, 2010, p. 18), e que a “permite discriminar o grau de perigo e de potência, funcionando como alerta nos momentos necessários” (ROLNIK, 2011, p. 69). Assim, o que subjaz a esse exercício de gradações de prudência, acionado a partir de cada ação-acontecimento tensionado pela artista, é a promoção de “escolhas ético-estético-políticas que tenham como critério a vida” (DOMINGUES, 2010, p. 133). Isso porque, a escolha³¹ “se faz arte, um exercício ético, estético e político sobre si e sobre o mundo” (Ibidem, p. 129). Seria, portanto, nas escolhas que Rubiane Maia vai fazendo em virtude do complexo processo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, deflagrado sobretudo via agenciamentos migratórios tensionados em seus percursos artísticos, que ela explora o diferir como “experimentação da potência estética de um exercício ético” (Ibidem, p. 135)

31 Para Leila Domingues (2010, p. 129), a escolha dos modos de se estar nos verbos da vida “implica diferir, escapar dos modelos que nos capturam, das práticas fascistas que nos seduzem, dos regimes de dominação que nos entorpecem, dos esquemas que nos anestesiam e cansam. Onde temos colocado nosso paladar, nossos ouvidos, nosso olhar, nossa atenção, nosso esforço, nosso desejo, nossa voz?”.

– não por acaso, uma das linhas de força que conduz a artista a engendrar, através de suas ações, uma perspectiva mais expansiva de relações entre a arte e a vida.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

AMARAL, Marcela; AVOLESE, Claudia Mattos; BENEDITO, Vera Lúcia; CARVALHO, Ananda; FALCÃO, Guilherme; FREITAS, Caroline Cotta de Mello; GORSKI, Anna Carolina; MARINGONI, Laura; MORESCHI, Bruno; NOVAES, Mônica; PEREIRA, Gabriel; SANTOS, Amália dos; VADA, Pedro. *A História da Arte*. [panfleto com resultados de pesquisa]. São Paulo: Itaú Cultural, 2017.

ANJOS, Moacir dos. *Contraditório: arte, globalização e pertencimento*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2017.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOURRIAUD, Nicolas. *Formas de vida: a arte moderna e a invenção de si*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CARVALHO, Ananda; MORESCHI, Bruno; PEREIRA, Gabriel. A história da _ arte: principais resultados e primeiras ações. In: *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, São Paulo, n. 8, p. 23-46, jul. 2019. Disponível em: <<https://www.sescsp.org.br/files/artigo/0038f9f7/3e81/4dd2/8d83/d73d820abe5f.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

CORAZZA, Sandra Mara. Introdução método biografemático. In: FONSECA, Tania Mara Galli; COSTA, Luciano Bedin (org.). *Vidas do Fora: habitantes do silêncio*. Porto Alegre: UFRGS, 2010, p. 85-107.

COSTA, Luciano Bedin da. *Estratégias biográficas: o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 2008.

DOMINGUES, Leila. Ensaio de subjetivação: ethopoética, cartografemas e ethografias. In: LEÃO, Adriana et al (org.). *Produção de subjetividade e institucionalismo: experimentações políticas e estéticas*. Curitiba: Appris, 2017. p. 181-197.

DOMINGUES, Leila. *À flor da pele: subjetividade, clínica e cinema no contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina, 2010.



ESCÓSSIA, Liliana da; MANGUEIRA, Maurício. Para uma psicologia clínico-institucional a partir da desnaturalização do sujeito. In: *Revista do Departamento de Psicologia*, Niterói, v. 17, n. 1, p. 93-101, jan.-jun 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v17n1/v17n1a07.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade, vol. II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade, vol. III: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Clínica*. Forense Universitária, São Paulo, 2003.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: *Ética, sexualidade, política*. Coleção Ditos & Escritos, vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 264-287.

GALARD, Jean. L'art sans oeuvre. In: GALARD, Jean et al (org.). *L'oeuvre d'art totale*. Paris: Gallimard/Musée du Louvre, 2003.

GLUSBERG, Jorge. *A arte da performance*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falava Zaratustra*. São Paulo: Escala, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PRECIOSA, Rosane. *Rumores discretos da subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. *Sobre políticas estéticas*. Barcelona: Museu d'Art Contemporani de Barcelona y Servei de Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona, 2005.

ROGER, Alain. *Nus et paysages: Essais sur la fonction de l'art*. Paris: Aubier, 2001.

ROLNIK, Suely. Ninguém é deleuziano. [Entrevista cedida a] Lira Neto e Sílvia Gadelha. In: *O Povo, Caderno Sábado: 06*, Fortaleza, 18 de out. 1995.

Disponível em: <<https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/ninguem.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental*: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

SILVA, Rubiane Vanessa Maia da. [Entrevista cedida a] Lindomberto Ferreira Alves. Vitória/Londres, 30 de abr. 2020.

SILVA, Rubiane Vanessa Maia da. *Desvios*, sobre arte e vida na contemporaneidade. 2011. 142 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/6730/1/Rubiane%20Vanessa%20Maia%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2019.

SILVA, Rubiane Vanessa Maia da. “*Statement*”: carta de intenções artísticas. In: SILVA, Rubiane Vanessa Maia da. *Homepage Rubiane Maia*, [S.l., s.d.]. Disponível em: <<https://www.rubianemaia.com/bio>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

SILVA, Rubiane Vanessa Maia da. *Homepage Rubiane Maia*, [S.l., s.d.]. Disponível em: <<https://www.rubianemaia.com/>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

VALÉRY, Paul. Notion générale de l’art. In: *Oeuvres*, Tome I, Collection “La Pléiade”, Paris: Gallimard, 1957.

VIEIRA JÚNIOR, Ery. (org.). *Marcus Vinícius*: a presença do mundo em mim. Vitória: Pedregulho, 2016.

VIEIRA JÚNIOR, Ery. *Exercícios do olhar, exercícios do sentir*: ensaios e críticas sobre artes visuais. Vitória: Cousa, 2019.